

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS: — LYSER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

Publica-se ás quartas e sabados

Redação, administração, composição e impressão

Typographia Democratica, Rua 1.ª de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis — COMUNICADOS E ANUNCIOS — Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

O "HERALDO" NOS TRIBUNAES

Uma audiencia geral que dura dois dias. Os directores do «Heraldo», dr. João Pedro de Sousa e Carlos Augusto Lyster Franco, respondem por vinte delictos de imprensa, cometidos em onze jornaes, contra o major Miguel de Alarcão e o tenente Antonio Francisco dos Ramos, que foram officiaes do 3.º batalhão do 33, e o major Paulino de Andrade, ex-governador civil deste distrito.

Depoimentos que são verdadeiros libelos contra os queixosos. Brillantissima defeza do dr. João Pedro de Sousa. O juiz, dr. Vicente Dias Ferreira, formula aos jurados nada menos de quarenta quesitos.

Sancionando a campanha altamente patriótica e moralisadora do «Heraldo» em defeza da Patria e da Republica, a soberania popular, dignamente representada no juri, dá como provadas, por unanimidade, todas as acusações feitas pelos redatores deste jornal contra os queixosos.

O veredito do juri é entusiasticamente recebido por todo o auditorio. A sentença teve que absolver os directores do «Heraldo», que á saída do tribunal são delirantemente abraçados pelo povo.

Propositadamente, e no intuito de evidenciar que, absolutamente nenhuns receios nos causaram as risíveis querelas, injustamente apresentadas contra o *Heraldo* pelo major Alarcão, ex-comandante do 3.º batalhão do 33, pelo ex-governador civil deste distrito, major Paulino de Andrade, e pelo afetuoso delegado do Procurador da Republica, dr. José Castanho, abstermo-nos de fazer ao caso quaesquer referencias e nem sequer noticias-mos o dia marcado para o nosso julgamento.

Procedemos, assim, porque não deviamos voltar ao assunto sem que a nossa pena, por uma necessidade instintiva, tornasse a flagellar os autores do processo que nos fôra movido—e essa flagelação que teria de ser sempre energica e de-sassomburada, podia ser aceita por muitos como um desejo que por ventura tivéssemos de preparar a opinião publica a nosso favor.

Por isso, nada dissemos, nada escrevemos nas colunas do *Heraldo* referente á nossa prestação de contas perante a justiça official, tão ingloriamente chamada a julgar um assunto sobre que a opinião publica já proferira o seu *veredictum* completamente favoravel para os redatores do *Heraldo*.

E então, foi com a consciencia perfeitamente tranquilizada por essa grande satisfação moral que resulta sempre do dever cumprido, que compareceram no tribunal. A responder pelas verdades incontestaveis contidas nos seus enérgicos e violentos artigos, os redatores deste jornal, dr. João Pedro de Sousa —que tão patrioticamente tratara a celebre questão do 33 nas colunas do *Heraldo*, e Lyster Franco, que empregára todas as subtilidades de critica contra o ex-governador civil de Faro, major Paulino, criticando os erros da sua politica nefasta e apontando os irrisorios dilates e atropelos do seu ridiculo mandarinato.

Foram mais de cincoenta os artigos e *suellos* escritos pelos directores do *Heraldo* contra os officiaes do 3.º batalhão do 33 e contra o ex-governador civil major Paulino de Andrade, e desses artigos e *suellos*, quasi todos incriminados; tiramos agora as seguintes conclusões, que o juri por unanimidade, considerou provadas.

1.º—Que o tenente Antonio Francisco dos Ramos, a quem o dr. João Pedro de Sousa, em pleno jardim publico, chamou traidor, poltrão, covarde e couceirista, desonrou a sua farda de militar;

2.º—Que o major Miguel de Alarcão, esbofetado no meio da rua, foi desarmado por um popular na altura em que pre-

tendia covardemente fazer uso da espada;

3.º—Que o major Miguel de Alarcão, tendo o desplante e a insensatez de continuar á frente do batalhão, deixou cair na lama o seu brio de militar e os seus pergaminhos de fidalgo;

4.º—Que no batalhão do 33, aquartelado nesta cidade, houve, ao tempo em que nele existiam o major Miguel Alarcão e o tenente Antonio Francisco dos Ramos, alguns fatos que nos autorisam a afirmar que o batalhão era avesso ás Instituições;

5.º—Que o major Paulino de Andrade, ex-governador civil deste distrito, foi indelicado e grosseiro e dava a entender que só por um estúpido desastre o haviam collocado á frente do distrito;

6.º—Que o major Paulino de Andrade, tendo ido a Lisboa, regressara ilibado da todas as sandices;

7.º—Que o major Paulino de Andrade, com os dilates da sua politica anti-republicana e bífrente, e com a sua provada incompetencia, só um notabilissimo descaer e um impudor sem precedentes o impulsianaram a exhibir-se como chefe do distrito, onde nem já lhe restavam sombras do prestigio moral;

8.º—Que o major Paulino de Andrade, como governador civil, somente cometeria atropelos, agravos e injustiças;

9.º—Que o major Paulino de Andrade, como governador civil, era estúpido e arbitrario, inepto, vaidoso, grotesco e ao mesmo tempo um grosseiro militarão de caserna, que cosinhava officios em linguagem de preto;

10.º—Que o major Paulino de Andrade, quando governador civil, se fazia rodear por uma ignobil matilha de serventuarios e aduladores;

11.º—Que o major Paulino de Andrade, funcionario incorreto, incompetente, irascivel, desprestigiado e cinico, foi arvorado em governador civil pela estulticia regedorial do dr. Silvestre Falcão;

12.º—Que o major Paulino de Andrade, como governador civil, era uma risivel figura de opereta e fazia publicar a tanto por linha, em jornaes afetos, a sua obscura biografia;

13.º—Que o major Paulino de Andrade, com a sua tratantologia politica de processos reptilinoscos e persiguições injustas, interveiu jesuiticamente na suspensão de funcionarios que zelavam os interesses da fazenda nacional, tornando-se deste modo, descarada e impudicamente, um protetor dos caloteiros do Estado.

A prova de que em nenhum dos artigos incriminados se continham falsidades ou difamações fez-se em pleno tribunal, com o depoimento de dezeseis testemunhas, algumas das quaes formularam verdadeiros libelos contra os queixosos.

Bem pode dizer-se que a verdade triunfou em toda a linha, pondo em notavel relevo as personalidades dos directores do *Heraldo* que mais uma vez tiveram occasião de verificar quanto a sua orientação está identificada com a opinião publica.

Mas narremos, embora muito resumidamente, o que foi a sensacional audiencia de julgamento dos redatores do *Heraldo*:

Era cerca do meio dia de terça feira quando o digno juiz desta co-

marca declarou aberta a audiencia.

O ministerio publico estava representado pelo sr. dr. Apolinario José Leal e a defeza a cargo do sr. dr. João Pedro de Sousa, um dos reus.

Feita a chamada das testemunhas, compareceram todas as de accusação, que eram os guardas civicos Manuel Gago, José Francisco da Assunção e Francisco Agostinho, e as seguintes de defeza:

João Xavier de Paiva, Bartolomeu Pessanha de Mendonça, Antonio Guerreiro da Angela, Antonio João Fernandes Craveirinha, Manuel Francisco Costa, Albino Fernandes Pinto, Antonio Bernardo da Cruz, Francisco Antonio Marcelino, Felix das Dôres Prazeres, Luiz Sepulveda de Mascarenhas, Manuel Dias Sancho, José Alexandre da Fonseca, Afonso Alvaro Freire, José Francisco Antonio e Sebastião Diogo

Sorteado o juri, deu esse sorteio o seguinte resultado:

Francisco Mateus Fernandes, Antonio Gonçalves S. Braz, José dos Santos Machado, Francisco Pires de Mendonça, Antonio Martins Sancho, Francisco de Paula Brito, Francisco Inacio Nugas, José Mestre e Pedro do Nascimento.

Recolhidas as testemunhas e perante um numeroso auditorio que por completo enchia a sala do tribunal, começa-se a inquirição das mesmas testemunhas, depondo em primeiro logar as de accusação, as quaes vieram atestar que realmente o bi-semanario *O Heraldo* tinha uma tiragem superior a seis exemplares e era profusamente distribuido por todas as localidades da provincia.

E' depois interrogada a primeira testemunha de defeza, o sr. João Xavier de Paiva, professor de ensino livre, que, respondendo ao sr. dr. João Pedro de Sousa, descreve pormenorizadamente o chamado *conflicto da rua das Lojas*, terminando por dizer que em sua opinião as referencias feitas pelo *Heraldo* áquele assunto eram apenas a expressão da verdade. Instada pelo agente do ministerio publico, a tesmunha confirma as suas declarações.

Segue-se-lhe o sr. José da Encarnação Vieira Junior, que, a convite da defeza, descreve a maneira por que fora recebida pelo ex-governador civil Paulino de Andrade a comissão republicana de Santa Barbara de Nexe; que o procurara para tratar de assuntos respeitantes á lei da separação, e nomeadamente os modos indelicados e descortezes desse magistrado para com o sr. dr. João Pedro de Sousa, que fora encarregado de apresentar a referida comissão.

A instancias do ministerio publi-

co, a testemunha reforça as suas declarações classificando de improprios e incivis os modos com que o ex-governador civil recebera a comissão.

Seguem-se os cidadãos Antonio Craveirinha e Antonio Guerreiro da Angela,—membros da comissão que procurou o ex-governador civil e que confirmam as declarações das testemunhas anteriores.

Segue-se o sr. Albino Fernandes Pinto, que declara não ter conhecido pessoalmente o ex-governador civil major Paulino de Andrade, mas afirma que a opinião publica lhe não era favoravel.

Depõe em seguida o sr. Antonio Bernardo da Cruz, redator do *Distrito de Faro*, que formula o seu parecer sobre as campanhas do *Heraldo*, que tem em especial apreço, por conhecer de ha muito o carater dos seus directores. Declara estar convencido de que os artigos incriminados não podem ser classificados de difamatórios, mas sim como a resultante das circunstancias do momento historico em que foram escritos. Nos seus primeiros anos de jornalismo escreveu artigos ainda mais violentos contra varias personalidades em evidencia e taes artigos não foram julgados criminosos ou difamatórios. Referindo-se ao ex-governador civil Paulino de Andrade, confirma que ele não gosava dos favores unanimes da opinião publica em materia de delicadeza, tendo até por vezes ouvido os seus subordinados do governo civil queixar-se contra os modos asperos com que por ele eram tratados. Instada pelo ministerio publico, a testemunha confirma as suas declarações.

O sr. Luiz Sepulveda Pimentel Mascarenhas, redator do *Algarve*, começa por declarar que não vê nos artigos incriminados difamação ou injuria, mas sim a resultante do desejo que os verdadeiros jornalistas sempre tem de conseguir que a verdade se esclareça.

Abstem-se de largas referencias á questão do 33, a que não assistiu por estar ausente e de que apenas tomou conhecimento pelos jornaes. Entretanto, declara que tomou a liberdade de alterar a carta que veio publicada no *Algarve*, ácerca da referida questão, e cuja publicidade lhe fora pedida pelo Major Miguel de Alarcão, ex-comandante do 3.º batalhão do 33.

Substituiu algumas expressões dessa carta porque as julgára improprias do jornal e isso mesmo comunicára ao autor, que aceitou as suas razões.

Instada pelo ministerio publico, a

testemunha confirma as suas declarações.

Em seguida, depõe o sr. Sebastião Diogo Maçarico, que confirma todas as acusações feitas pelo *Heraldo* a alguns officiaes do 33, declarando que taes acusações corriam desde muito na opinião publica e que as ouvira a muitas praças e sargentos. Refere-se ao caso da cama que foi tirada a um soldado e cedida a um conspirador e á maneira por que os conspiradores eram tratados no quartel, onde se encontravam detidos e onde não permaneciam incomunicaveis, apesar das ordens terminantes a tal respeito.

Instada pelo ministerio publico, a testemunha confirma todas as suas declarações.

Seguidamente é interrogado o sr. José Francisco Antonio que com toda a energia acentua que acompanhou de perto a chamada *questão do 33*, e diz que o sargento Forçado e muitas praças contavam a muita gente o que se passava no quartel e que tantas inquietações causava no espirito dos verdadeiros republicanos.

Em seu parecer o sargento Forçado não gosava da simpatia de alguns dos seus superiores em consequencia de ter sido um heroe promovido por distincção e alguns desses superiores não serem afetos á Republica.

E' depois interrogado o cidadão Francisco Antonio Marcelino, que, referindo-se á carta do major Alarcão, publicada em varios jornaes da provincia, classifica de insolente e mal creada.

Segue-se-lhe o sr. Afonso Alvaro Freire, diretor dos correios e telegrafos, que declara ter sido uma das pessoas que mais conviveram com o ex-governador civil Paulino de Andrade. Não recebeu dele quaesquer grosserias nem lhas admitiria. Não lê jornaes, mas ouviu por varias vezes referir o conflito havido entre o dr. João Pedro de Sousa e o major Paulino de Andrade e está convencido de que talvez por uma questão de mau humor ou de má disposição, o sr. Paulino de Andrade não dispensou ao sr. dr. João Pedro de Sousa a consideração a que este sr. tinha direito.

Instado pelo sr. dr. João Pedro de Sousa para se pronunciar ácerca do conceito em que pela opinião publica era tido o major Paulino de Andrade, declara que não tem razão alguma de queixa contra ele mas acentua que a popularidade deste sr., como governador civil, não pode comparar-se com

aquela que desfrutaram os seus antecessores. nomeadamente o sr. Zacarias José Guerreiro, de quem se confessa amigo particular.

A convite do ministerio publico, a testemunha descreve aos jurados as varias versões acerca do incidente já referido, de que tomou conhecimento.

Em abono da verdade, diz ainda que por varias vezes ouviu alguns empregados do governo civil queixarem-se do então governador civil, acusando-o de usar para com eles maneiras menos proprias e de os obrigar muitas vezes a permanecerem na repartição até depois da hora regulamentar.

Entra depois na sala a testemunha Felix das Dores Prazeres. Conhece perfeitamente as questões de que se trata. Em seu parecer os redatores do *Heraldo* procederam patrioticamente porque se tornaram os interpretes da opinião republicana.

Referindo-se especialmente á questão do 33, declara que, em seu parecer, ninguém pode classificar de caluniosas as afirmações do *Heraldo* porque elas são todas baseadas em fatos incontestaveis.

Tudo quanto se escreveu contra alguns officiaes do 33 andava de boca em boca e constituia o assunto obrigatorio da conversação das praças e sargentos do referido batalhão.

Falou com algumas praças e com alguns cabos e todos lhe confirmaram o que se dizia nos artigos do *Heraldo*. Quanto ao major Paulino de Andrade sabe que ele não tinha a simpatia dos verdadeiros republicanos algarvios.

A este depoimento cujo valor nos dispensamos de encarecer, segue-se o do sr. Manuel Dias Sancho que se limita a acentuar que a opinião publica não era afeta ao ex-governador civil Paulino de Andrade, de quem ouviu por varias vezes, a pessoas que não pode enumerar por lhe terem já passado os seus nomes, referencias pouco liçõesgeiras.

Depõe em seguida o sr. José Alexandre da Fonseca. Conhece bem os diretores do *Heraldo* e sabe que são incapazes de malsinar quem quer que seja. Nos artigos incriminados não vê difamação, vê apenas entusiasmo na defeza duma ideia; instado para se pronunciar acerca da afabilidade do ex-governador major Paulino de Andrade, conta, a convite da defeza, a cena que se passou com o referido major no teatro circo desta cidade, por ocasião do concertó promovido pelo senador dr. José de Padua.

Assistiu e tomou parte nesta cena e foi conjuntamente com o seu amigo Antonio Feliciano Trigos, uma das pessoas que apresentaram ao aludido ex-governador civil, por simples deferencia, a explicação relativa ao fato de não haver no Circo duas cadeiras para a autoridade, mas apenas uma. Confessa não ter ficado com boas impressões a respeito do sr. Paulino de Andrade, que a todas as desculpas, aliás apresentadas por mera delicadeza e em atenção ao seu elevado cargo, apenas soube responder «que seria melhor não insistir no assunto.»

Interrogado pelo ministerio publico acerca do termo *dubio* que empregara para classificar o procedimento politico do major Paulino, explica a razão de ser de tal classificação e termina por acentuar que o referido major não cairá nas boas graças da opinião publica.

Em seguida, é chamada a testemunha José Gonçalves. Bandeira, de quem a defeza prescindiu, iniciando-se então os debates e fazendo uso da palavra

O representante do ministerio publico

Que começa por lamentar que o seu dever o obrigasse a assistir áquella audiencia.

Timbrou sempre por ser imparcial. Apesar, porem, dos seus es-

forços, talvez não consiga evidenciar completamente a sua imparcialidade, porque, se para um dos acusados, sr. Lyster Franco, de quem foi discipulo e com quem manteve sempre as melhores relações de amizade, tal evidencia se afigura facil ao seu espirito, o mesmo não sucede relativamente ao sr. dr. João Pedro de Sousa, com quem cõrtou relações.

Passa em seguida a analisar o processo e acentua que os artigos incriminados foram escritos contra duas pessoas que occupavam os mais altos cargos da sociedade algarvia, duas individualidades que a todos deviam merecer respeito e consideração: uma, o governador civil do distrito, a outra, o comandante do 3.º batalhão de infantaria n.º 33.

A lei é severa para os que caluniam ou difamam, os srs jurados conhecem o processo, ouviram os depoimentos das testemunhas, só lhe resta pedir-lhes que julguem em harmonia com a sua consciencia e que tenham bem em vista que se torna indispensavel combater por todos os meios legais os principios de indisciplina e anarquia que ameaçam convulsionar a sociedade.

Fala em seguida o dr. João Pedro de Sousa

Vem ali, diz o orador, na sua dupla qualidade de defensor e de acusado. Vem ali, como advogado de si próprio e do seu prezado collega de redação sr. Carlos Augusto Lyster Franco. Nem ele, orador, nem o seu amigo, pensaram em nomear advogado. Para quê? Quem melhor do que ele poderia responder contra a injustas acusações que lhes assacam?

Cumpra-lhe responder ao digno representante do ministerio publico e, no cumprimento do seu dever, começa por lamentar que tenha sido esse magistrado quem ali se confessasse suspeito, pelos menos para com ele orador, fazendo afirmações menos verdadeiras, porquanto o sr. representante do ministerio publico disse ter cortado relações com ele, quando é muito certo ter sido ele orador quem interrompeu taes relações, aliás originadas por bem futeis motivos. Lamentou o representante do ministerio publico que o seu dever ali o tivesse trazido Não havia dever que a tal o compellisse.

Veiu porque quiz vir, mas visto que é ele proprio a confessar-se suspeito, sente ter de dizer-lhe que não devia ter vindo.

Passa em seguida a analisar o processo a cujo julgamento vai proceder-se e que classifica de verdadeira monstruosidade juridica, visto a lei mandar que todos os processos assentem sobre o corpo de delito e tal base não existir naquella. Quem provou que eram realmente difamatorios e injuriosos os artigos incriminados? Onde estão os peritos que firmaram tal opinião? Lamenta a ausencia do sr. delegado do ministerio publico porque era a ele, como organisador do processo, que desajava chamar a autoria de taes erros e incompetencias.

Está ali como reu e como defensor, mas sente-se tranquilo, sente-se feliz por poder, mais uma vez, referir-se aos assuntos dos artigos incriminados, artigos que as testemunhas unanimemente confirmaram como sendo a mais absoluta expressão da verdade.

Não, srs. jurados! Ele orador e o seu companheiro Lyster Franco estão ali de cabeça erguida, porque de nenhum crime os podem acusar, porque nenhuma sentença lhes pode ser feita. Num momento em que a integridade da Patria se encontrava profundamente ameaçada pelos conspiradores, no momento em que, como leões famintos, os guerreiros do traidor Paiva Couceiro, guarneciam a fronteira, prontos a exterminar todos os republicanos, constou ao povo de Faro que entre a officialidade do 3.º ba-

talhão do 33 havia officiaes desafetos ás instituições. O *Heraldo* trazendo a lume taes boatos, e registando-os nas suas colunas apenas cumpriu o seu dever. Não infamou, não injuriou, apenas escreveu o que se tinha radicado na opinião publica.

A este procedimento correctissimo da parte do *Heraldo*, visto que, na primeira alusão a tal assunto, nem sequer se referiu a este ou áquella official, como responderam os officiaes que a opinião publica julgava de menos afetos ás instituições?

Dum modo risivel, quixotesco e criminoso: desafiando-o a ele orador e ao seu colega Lyster Franco para uma serie de duelos!

Vejam, senhores jurados: em vez da justificação veio o desafio, em vez do esclarecimento a ameaça, em vez da verdade o crime, visto que o duelo constitue um crime punido severamente pelas leis do paiz!

Entretanto, tendo ele orador assumido publicamente a responsabilidade de todas as referencias á chamada *questão do 33*, foi, como é publico e notorio, cobardemente agredido por militares que esqueceram o respeito ás fardas que vestiam.

Mas não o intimidaram ameaças: proseguiu no seu caminho, orientando as suas criticas do modo que melhor pareceu aos seus sentimentos de republicano e de patriota.

De tudo lançaram mão os officiaes do 3.º batalhão do 33: o duelo, a querela e a agressão pessoal, mas nada disso, obstou a que fossem transferidos e ninguém pode contestar que o foram em virtude dos memoraveis acontecimentos que então se deram.

Quanto ao incidente provocado pelo major Paulino de Andrade, a cuja attitudie incorreta e aggressiva para com ele orador teve já ocasião de referir-se num dos numeros do *Heraldo*, em carta assinada que lhe dirigiu, está bem certo de que todos lhe farão a justiça de supor que sabe respeitar sem servilismo nem humilhação todos aqueles que de tal respeito se tornem merecedores.

Falou o digno representante do ministerio publico na alta jerarquia das pessoas visadas pelos artigos do *Heraldo* e concluiu por pedir-vos, srs. jurados, que tivésseis em linha de conta esse fato. Parece-lhe impossivel que em plena democracia, e na vigencia dum regimen de governo que deve assentar especialmente na egualdade, alguém tivesse o arrojo, a heresia de vir apontar ali diferenças sociaes, como se os homens não fossem todos eguaes perante a lei!

Para ele orador e para Lyster Franco, tanto conceito merece o pobre operario que trabalha sinceramente para conseguir o sustento dos seus, como o garboso official coberto de galões de ouro. Tanto se lhes impõe á sua consideração de liberaes e patriotas o desgraçado que mendiga esmólas, como o proprio presidente da Republica, desde que saibam cumprir os seus deveres, e não duvidam critica-los a ambos desde que mereçam as suas criticas.

Passa, em seguida, a descrever minuciosamente os conflitos do 33 e elucida o auditorio acerca da sua attitude sempre nobre e correcta para com a officialidade. Acusando alguns officiaes do 33, teve apenas em mira cumprir o seu dever de portugez e de republicano. Esperava que, perante uma simples alusão, como a que lhes foi feita, eles fossem os primeiros a esclarecer a verdade, mas foi com espanto que os viu enveredar por caminho oposto. Occupando-se, depois, do ex-governador civil, major Paulino de Andrade, cita fatos pelos quaes se demonstra de forma irrefutavel a profunda antipatia que lhe votavam os verdadeiros republicanos do Algarve, com a maior parte dos

quaes se indispoz logo depois de ter tomado posse do seu cargo.

Resumindo, brilhantemente, as suas conclusões, termina por assegurar aos jurados que perante eles não estão dois caluniadores mas sim dois verdadeiros patriotas, dois amigos dedicados da Republica, pela qual não hesitam na pratica dos maiores sacrificios. Como jornalistas, cumpriram o seu dever moralizador, publicando no *Heraldo* artigos de critica contra o que se lhes afigurava perigoso para as Instituições vigentes, contra as prepotencias e os dislates. Poderiam ter sido violentos e energicos, mas difamadores ou caluniosos nunca!

E a prova, esmagadora para os queixosos, acaba de fazer-se all, perante todos, pelos depoimentos das testemunhas que representam verdadeiros libelos contra eles.

De tudo se evidenciou que os directores do *Heraldo* cumpriram o seu dever e sabê-lo-ão cumprir sempre.

Se por errada interpretação dos principios de justiça, a cadea viesse a constituir o premio da sua dedicação ao regimen, do seu amor á Patria e á Republica, eles, jornalistas intemeratos, mesmo da cadea continuariam o seu combate contra as toupeiras da reacção, porque na cadea também se escreve e da cadea também se podem atirar setas sobre os inimigos da Patria e sobre todos aqueles que não cumprem os seus deveres de bons republicanos e patriotas!

Este brilhantissimo discurso, que durou perto de duas horas, foi escutado com a maior atenção por todo o auditorio, a quem causou a mais funda impressão.

A muitas pessoas ouvimos depois os maiores elogios á palavra fluente e energia do sr. dr. João Pedro de Sousa, e ao desassombro dos seus conceitos e ilações.

Tendo, a seguir, pedido a palavra o representante do ministerio publico, o digno juiz interrompeu a audiencia por dez minutos, no fim dos quaes a declarou suspensa até ao dia seguinte, alegando o adeantado da hora e a falta de iluminação da sala do tribunal.

A saída eram os redatores do *Heraldo* aguardados por muitos amigos e correligionarios que antecipadamente correram a felicitá-los, certos de que lhes seria feita justiça.

Reaberta, no dia seguinte, a audiencia, usou da palavra o sr. subdelegado do ministerio publico, que replicando ao discurso da defeza, pretendeu destruir alguns dos argumentos apresentados pelo sr. dr. João Pedro de Sousa, concluindo por pedir aos jurados que cumprissem o seu dever.

Usa em seguida da palavra o sr. dr. João Pedro de Sousa, que, num fluentissimo discurso, evidenciou mais uma vez os seus grandes conhecimentos juridicos, demonstrando, em rasgo de primorosa eloquencia toda a sem-razão do processo, apontando os erros crassos que presidiram á sua confeção, e destruindo um a um todos os argumentos da accusação.

A meio do seu brilhante discurso é o sr. dr. João Pedro de Sousa interrompido pelo sr. juiz que lhe pede por favor que se dirija só aos jurados e não ao povo, alegando que o auditorio nada tem com os trabalhos do tribunal.

Então, o sr. dr. João Pedro de Sousa, com a altivez que o caracteriza, responde-lhe textualmente:

— Se V. Ex.ª me pede por favor para que eu fale aos srs. jurados, falarei; obrigado, não, porque não ha lei alguma que a tal me obigue e o povo que está assistindo a este ato tem todo o direito a que eu lhe dirija as minhas palavras, visto que é ele o melhor juiz dos fatos.

Continuando o seu discurso, o sr. dr. João Pedro de Sousa refere-se de novo aos varios incidentes da chamada *questão do 33* e descreve

a parte que nela tomou o sargento Forçado. Volta também a aludir ao procedimento politico do ex-governador civil, cujos erros aponta em frase caustica e expressiva, terminando por lembrar aos jurados que, no seu logar de julgadores, devem esquecer todas as divergencias politicas e ter apenas em vista a sua qualidade de bons e dedicados republicanos.

Alongando-se em considerações acerca do dever, declara que em todas as classes ha quem o cumpre e o saiba fazer cumprir; refere-se em seguida á magistratura e acentua que muitas vezes para que os proprios juizes cumpram os deveres do seu elevado cargo é necessario que os espicassem.

Termina por declarar mais uma vez que os redatores do *Heraldo* teem a consciencia tranquila de que cumpriram o seu dever de jornalistas e aguardam confiados a decisão do juri, porque estão certos de que justiça será feita.

Como na vespera, o vibrante discurso do dr. João Pedro de Sousa, impressiona vivamente o auditorio a quem já não restam duvidas acerca da resolução do juri.

Do alto da sua cadeira, o sr. dr. juiz começa então a enfadonha tarefa de ditar ao escrivão do processo os 40 quesitos que formulou sobre os artigos incriminados e 24 dos quaes dizem respeito ao sr. dr. João Pedro de Sousa, pertencendo os 16 restantes ao sr. Lyster Franco.

Depois de lidos estes quesitos recolhe o juri a elaborar as respectivas respostas, interrompendo-se a audiencia por cerca de duas horas e meia. findas as quaes reabre tornando o tribunal a encher-se completamente de espetadores.

O veredito do juri, a sentença

Feito silencio e tendo já occupado os seus respectivos logares todos os membros do tribunal, sobe ao estrado do juiz o sr. Francisco Mateus Fernandes, que faz a leitura dos quesitos e das respectivas respostas.

O juri dá como provados todos os crimes de injuria contra os queixosos dando também como provadas as alegações dos acusados, pelo que o sr. juiz lavra a sentença absolvendo, sem custas nem selos, os directores do *Heraldo*.

É inutil evidenciar quanto esta sentença foi bem recebida pela opinião republicana, que elogiou calorosamente a digna attitude do juri.

A saída do tribunal foram os sr. dr. João Pedro Sousa e Lyster Franco efusivamente abraçados por muitos dos seus amigos e correligionarios, entre os quaes se encontravam muitos representantes dos centros democraticos de Santa Barbara de Nexe, Estoi, S. Braz de Alportel, etc, que assim quizeram mais uma vez evidenciar o alto conceito e o apreço em que teem os directores do *Heraldo*.

Na redação do *Heraldo* teem sido recebidas muitas felicitações, sendo grande o numero de correligionarios que pessoalmente teem vindo dar aos directores deste jornal o seu abraço de parabens.

Registando tão importante fato da nossa vida jornalística, nas colunas do nosso bi-semario, cumpre-nos acentuar o nosso reconhecimento por tantas e tão inequivocas provas de simpatia.

E sem agradecermos ás testemunhas e aos jurados a sua attitude, porque a justiça não se agradece, temos, contudo, o mais intenso prazer em declarar publicamente que tanto a uns como a outros ficamos conhecendo como cidadãos honestos, de carater independente, dedicados republicanos e grandes amigos da justiça e da verdade.

— J. SILVA NOBRE —

MEDICO-CIRURGIÃO

Ex-interno dos hospitais de Lisboa

Garganta, nariz e ouvidos — Doença das senhoras — Tratamento da sífilis e das seções rebeldes pelo 606 de Ehrlich

Clinica Geral — Operações

CONSULTAS A'S 11 HORAS

NOTAS E COMENTARIOS

A graça alheia

Do Progresso, de Aveiro:

ENLACE:—Está definitivamente ligado pelos laços indissolúveis do matrimonio o sr. Projeto Perpetuo de Amnistia com a sr. D. Beatriz da Restauração Monárquica.

Gasamento de verdadeira inclinação (ainda que cada um para seu lado), promete um viver amigável e de confraternização mútua, tendo a vida prolongada e resistente do velho Mamsalem.

Ha entretanto quem não agone bom fim aos matrimoniados, vaticinando-se largos desgostos, no futuro, a seus laes.

Oxalá assim não aconteça.

Paranárfaram os srs. dr. Antonio José de Almeida e Machado dos Santos.

Que sejam felizes.»

A' degola

Segundo alguns colegas que se tem occupado do assunto, pela reforma judiciaria em projeto serão suprimidas 93 comarcas.

Trocado em miudos, isto quer dizer que vai aumentar, de forma assustadora, a crise dos bachareis; dos bacharelizoides e dos bacharelizitos!

Fanatismo

Segundo o Primeiro de Janeiro, no logar do Sobral, no dia 14 do corrente, houve mosquitos por cordas, á saída da missa.

As mulheres, em crescendo numero, arremeteram contra alguns membros da comissão paroquial, apupando-os e malhando neles como quem malha em canteiro verde, tosando-os fortemente com os tamancos e as chinelas que calçavam, até os deixarem escorrer sangue.

Ignoram-se os motivos que provocaram o conflito, dizendo uns que foi por constar que queriam fechar-lhes a igreja e afirmando outros que tudo foi provocado pela expulsão do pároco daquela freguezia, fato de que o mulhierio torna responsaveis os referidos membros da comissão.

São profundamente lamentaveis taes successos, que só evidenciam intolerancia e estupidez.

Saldo de contas

Teodora Terrade é uma linda rapariga de 18 anos, natural de Lannes, França, com quem Nicolau Monede, de 46 anos de idade, e mordomo dum castelo proximo áquela povoação, contraiu uma divida que só pelo casamento podia saldarse.

Como Nicolau Monede recusasse pagar a sua divida de honra e andasse fazendo alarde do caso e escarnecendo a sua vittima, esta procurou-o e matou-o a tiros de revolver.

Haverá jurados capazes de condenar esta rapariga?

Relogio monstruoso

Destinado á sala nobre do Club dos Restauradores, de Lisboa, acaba de ser adquirido na Alemanha um monstruoso relógio que tem quatro metros de altura e um de largura, caixas de nogueira lindamente esculpturadas em alto relevo e trinta peças de musica, que toca de hora a hora.

O despacho deste grande relógio, que é o primeiro que neste genero existe em Portugal, importou em 150.000 reis.

Oxalá ele regule bem, porque isto por cá, segundo soe dizer-se, anda tudo fóra de horas...

Descoberta importante

A Republica, alcorão do evolucionismo patarata, continua a fazer as mais extraordinarias descobertas.

Num seu editorial, descrevendo a inauguração duma escola no distrito de Santarem encontramos estas palavras:

«...E da atitude desses democraticos que naviram com delicadeza o que com não menos delicadeza se disse, nós deduzimos que ha democraticos e... democraticos».

Pois essa ilação já nós a tinhamos tirado ha muito tempo.

Mercê das galanterias de que temos sido alvo por parte da fina flor do jesuitismo indigena, já concluímos ha muito tempo que ha evolucionistas e... evolucionistas.

Mas... a caravana passa e os cães continuam a ladrar á lua...

POR ESSE ALGARVE

Almancij

Ans estragos de uma meningite faleceu em sua casa, no dia 19, pelas 23 horas e 35 minutos, a sr.ª D. Inacia Espalhuda Ricardo, esposa muito estreamosa do nosso amigo e correligionario sr. Ricardo José Barbara, das Pereiras—concelho de Loulé.

A sr.ª D. Inacia Espalhuda Ricardo contava apenas 36 anos de idade. O seu espirito era extremamente bondoso, e as suas afaveis maneiras, de que usava sempre, fizeram com que o seu passamento conflgrasse os corações de todas as pessoas que privavam com ela.

Havia um mez que tinha adoecido, mas duma maneira grave. Passados uns quinze dias, durante os quaes ia sentindo melhoras consideraveis, deu-lhe um ataque apopleitico, ficando lesa dum braço e duma perna.

De novo melhorava, mas quinze dias depois outro ataque a fulminou, deixando-a em estado comatoso.

Tão nova, a morte, essa monstruosa e acerrima inimiga dos viventes, a empulgoa com as suas garras aduncas, afastando-a para sempre do seu tão afeiçoado marido, e dos seus filhinhos tão queridos que bão-de sentir agora a falta do calor doificante da sua chorada mãe e não sentirão jamais o suave arfar do seu peito, que os acalentava no momento em que se pnham a chorar!

— Pibres crianças! Como tão cedo a vossa mãe vos faltou! Que infelizes sois! Já não tendes á superfície da terra uma pessoa a quem possaes invocar pelo santo nome de mãe!

As 17 horas de domingo teve logar o funeral, que foi extraordinariamente concorrido tanto de senhoras em cujos olhos abundavam fortes fios de lagrimas como de cavalheiros que se achavam repletos da mais viva e emocionante commoção.

Tudo ia prestar a derradeira homenagem á saudosa esposa do nosso amigo dileto sr. Ricardo José Barbara.

Entre tantas pessoas que vimos e de quem ignoro completamente os nomes, estavam as sr.ªs D. Emilia das Dores Cristovão, D. Maria da Gloria Cristovão Correia, D. Maria das Dores Guerreiro Cristovão, D. Maria da Gloria Guerreiro Cristovão, D. Maria da Piedade Mialha Galego e O. Ana de Jesus Carrusca Mialha, etc.

Foram acompanhar a desditosa senhora á sua ultima morada os srs. Cristovam de Sousa, Cristovam de Sousa Junior, Francisco de Brito Vinhas, Francisco Cristovam de Sousa, Manuel Cristovam de Sousa Vinhas, Joaquim Cristovam de Sousa Pires, Cristovam de Sousa Aleixo, Cristovam de Sousa Pires, Manuel Cristovam de Sousa Correia, Manuel Cristovam Gnerreiro de Sousa, Manuel Cristovam de Sousa Pires, Francisco Xavier Leal, Francisco Xavier Leal Junior, Manuel Antonio Pires Junior, Francisco Antonio Marum, Antonio Joaquim Marum Junior, José Guerreiro da Angela, Manuel Filipe Viegas, José Filipe Viegas, Francisco Filipe Viegas, Joaquim Filipe Viegas, José Martins Galego, Francisco Guerreiro Mialha, José Guerreiro Mialha.

Manuel Antonio Bota, João Bota Valerio, José Pires Valerio, José Pires Coelho, José Barbara, José Lourenço da Piedade, Manuel de Sousa Rocheta, Manuel Francisco Aleixo, Antonio Francisco Aleixo, José de Brito Cascalheira, Mannel de Brito, Manuel Costa, Manuel Jacinto Viegas, José Pires dos Barros, Filipe Viegas Junior, Antonio Joaquim Marum, Manuel Morgado, Antonio Morgado, Manuel Gnerreiro Mialha, Manuel da Palma, Manuel Rodrigues Carrusca, Manuel de Sousa Barreiro.

Custodio de Sousa Castelbano, Manuel de Brito, José Vicente da Brito, Ricardo Vila, José Guerreiro Fernandes, Manuel Costa, Mannel Viegas Espadinha, Manuel Guerreiro, Joaquim Gonçalves Bexiga, Francisco M. Mendonça, João Lourenço da Piedade, dr. Francisco Xavier de Ataíde, Joaquim Espadinha, Maximiano Barros e José Guerreiro Cavaco.

Alcantariilha

Já foram avisados todos os mancebos que, por incapacidade fisica, não puderem servir no exercito, para pagarem as respectivas taxas militares.

Ha cerca de tres mezas que se vem fazendo sentir nesta localidade uma grande falta de peixe o que deveras tem prejudicado as classes menos abastadas.

Noticias de instrução

Está vaga pela transferencia por concurso da professora proprietaria, para o 4.º logar da escola feminina de Portimão, a escola mixta de Valle de Judeu, Loulé.

Vae ser posta a concurso a escola masculina de Estoi.

Consta ter havido 4 concorrentes ao logar vago da escola masculina central de Faro, entre eles figura um professor complementar classificado.

A frequencia das escolas centrais primarias nos ultimos dias tem sido de 315—329 alunos.

Deve principiar por estes mais proximos dias a revacinação dos alunos matriculados nas escolas officaes de Faro.

Ainda não saiu do visto o despacho da professora interina nomeada para a vaga existente na escola central masculina de Faro; provavelmente tal nomeação só chegará a ser publicada depois de ser despachado o professor que o concurso lhe destinou, e mesmo talvez depois de este ter tomado posse!... Tem graça se assim se der.

O NOSSO NOTICIARIO

— Regresson de Lisboa o sr. governador civil.

Já se não realizou este ano a precisão da Saude, em Lisboa. Todos saham a grandeza dessa festa noutros tempos.

Tudo o que em Lisboa se contava de realengo e conselheirico ali ia. Só a vaidade dos governantes era sufficiente para dar importancia ao ato... que metia a guarnição da capital.

Os turcos, depois de levarem para tabaco, entretem-se agora a fazer conspirações para a troca do sultão. O que quer dizer que não teem emenda e precisam de mais mostarda.

Acompanhado de sua esposa, partiu para o Barreiro o sr. José Fernandes, chefe de reserva dos Gaminhos de Ferro.

O concurso hipico internacional organizado pela Sociedade Hipica Portuguesa durará cinco dias, sendo estes os dias 18, 20, 22, 24 e 25 de maio.

A tensão monetaria dos diversos bancos europeus vae desaparecendo. O banco de Inglaterra baixou já a taxa de desconto, o que é um bom prenuncio para a tranquillidade dos povos.

Acompanhado de seu marido e filho, partiu para Lisboa com destino a Macau a sr.ª D. Virginia Mateus Fernandes Ventura.

Ao que nos parece terminaram de vez os protestos, ainda que de chapéu na mão, contra a lei da contribuição predial. Terminaram, não, pois ainda continuará a prestar e a demonstrar varias coisas... o sr. Tomaz Cabreira. O que faz andar na lua um habitante deste pobre e mercurio planeta!

Está quasi terminada, em Paris, a maquete do busto de Magalhães Lima, encomendada ao escultor Fourcault pela Propaganda de Portugal, para ser ofertada ao notavel propagandista do nome portuguez no estrangeiro.

Regresson a Messines a sr.ª D. Maria Barbara Mendes, mãe do sr. Antonio Montes, inspeitor dos Caminhos de Ferro.

Por causa duma dada interpretação das honras militares devidas aos presidentes da Camara dos Deputados e do Senado, houve no parlamento mosquitos por cordas. Pretende-se que aos dois não é devida, pelo regulamento de continencias, a guarda de honra que formava no atrio. A questão está para resolver... com glicerina. E é nestas bugariças que se passa a vida.

Na Galiza, andam uns pobres e manhosos jesuitas que, para terem mod: de vida, se fizeram conspiradores. O que vale é que ninguém os toma a serio.

Regresson a Faro o sr. dr. José Vicente Madeira.

Sae brevemente o primeiro numero da Verdade, órgão dos caixeiros coimbricenses.

E assim as diversas classes se vão competetrando da maneira como devem proceder para a victoria do futuro.

Vão adeantados os trabalhos realisados para o estabelecimento duma carreira de navegação entre Portugal e a Italia.

Esteve em Faro o sr. Manuel Gomes Meleiro, aluno de Engenharia Civil.

O sr. dr. Sousa Pinto realizou na Escola de Arte de Representar uma conferencia a respeito da «mulher grega».

Quem grego se vê para dizer o que é qualquer das suas patricias, não admira que fale das mulheres gregas.

Ent: sinal de protesto contra o atentado do rei de Hespanha, teem-se enchido nestes ultimos dias com assinaturas mais 800 resmas de papel de 50 folhas.

As fabricas trabalham com atividade para poderem obviar á falta de papel destinada a esse fim. Caraniba!

Continua em Tavira a celebre questão da Arracáda. A isso ver, ninguém arrancará já a questão dos tribunaes, tão complicada ela está, que até já se chega simultaneamente a questões ou soluções opostas em alguns assumtos que lhe dizem respeito.

Vae ser nomeada uma comissão tecnica para proceder aos estudos respeitantes á ponte sobre o Tejo. Cair o assunto em qualquer comissão, o mesmo é que cair no fundo do proprio Tejo, onde de fato constituiria um bom alicerce para a referida maravilha. Ponte sobre o Tejo!

Em Barcelona, está se preparando uma peregrinação de prelados a Maita. Mas que rains de maltezes me suiram estes prelados hespanhoes!

Continua sem solução a greve de Vila Real de Santo Antonio, o que é de veras lamentavel, pois se desloca assim o commercio para as povoações espanholas, caindo aquella vila na miseria. Depois nem industrias nem operarios.

Quem tudo quer tudo perde.

Recusando-se os pilotos a embarcar nos navios destinados á pesca do bacalbau, o sr. ministro da marinha deu ordem para embarcarem os praticantes a pilotos. Ora veremos se o bacalbau, com esta troca, se torna outra vez nosso fiel amigo!

Em Bucarest (Roumania) foi disparado um tiro das galerias, quando começava uma sessão da Camara dos Deputados. Ninguém se assustou, nem mesmo o presidente que disse: «Meus senhores, a sessão continua! Alguem acredita?»

Esteve em Faro o sr. José Vicente de Brito, de Santa Barbara de Nexe.

Romauones, presidente do governo hespanhol, convidou os deputados liberaes para um banquete, farto em bebidas... de

estalo com a lingua no céu da boca.

Os deputados deram o que tinham a dar e depois de se competetrarem do alegre papel que estavam desempenhando, proclamaram a Romanones o chefe dos liberaes hespanhoes. Parece porem que o partido liberal não está pelos autos.

Prepara-se um raid em aeroplano de Sevilha a Madrid. Só assim os passageiros se poderão livrar das garras dos ingannos babarinos da Serra Morena. E demais quem sabe?

Vimos nesta cidade o sr. Joaquim Mendes Pinto, de Santa Barbara de Nexe com seus filhos, sr. Joaquim Mendes Pinto Junior e sr.ª D. Maria de Brito Pinto, e sua cunhada Tereza de Jesus de Brito.

A Propaganda de Portugal está tomando novo incremento, pois tem inscrito muitos novos socios nos ultimos dias. Desde 1 de janeiro entraram para a Propaganda 1284 socios.

Um ex-maire francez foi condenado a 15 anos de trabalhos forçados por ter pretendido assassinar duas mulheres. Selvagem! Mas agora reparamos nós tambem que se o honreusinho tem caído na asneira de as matar, não lhe chegaria a villa inteira para os trabalhos que lhe deveriam impôr!

Tencionam ir no dia 3 de maio a Portimão e a Lagos, afim de darem uma recita, o grupo dramatico, a direção e a tuna da Academia Farense.

Foi a Lisboa a sr.ª D. Mariana da Luz Pereira, acompanhada de sua sobrinha sr.ª D. Celestina da Luz Caiado.

Em varias terras do norte, vae-se adutando o sistema de apanhar os cães á rede para os exterminar. Porque será que o progresso principia sempre lá por cima e láo tarde chega até nós!

A industria de conservas de sardinha paraillou por completo em Setubal com o encerramento geral das 42 fabricas, que estavam em laboração. Calcula-se o transtorno que isto causará ao commercio da cidade e qual a perspectiva de miseria em que se rão envolvidos nada menos de 8 000 operarios.

Vimos em Faro o sr. dr. João Ferrajuta, administrador de Loulé.

Terminaram os concursos para delegados do Procurador da Republica.

Teve 3 BB. e 2 SS. o sr. dr. Francisco Carlos Taborda Rodrigues da Costa, ex-subdelegado em Tavira.

Em Zibreira foi morto pela garda republicana um desconhecido que recusou dar-se á prisão.

No Porto, quando o pintor José Campes se dispunha a pintar ao natural um quadro qualquer, foi tão grande a aglomeração de bashaques, que por longo tempo se interrompeu a circulação dos electricos! Para regularisar o transito foi preciso que a policia pedisse ao pintor que mudasse de pulso!

Realisa-se amanha o juramento de bandeiras em todo o paiz.

O Jornal da Mulher abriu um concurso teatral entre as suas leitoras para uma peça em um ato. Comicas não nos faltam, havendo as que representam tanto ao vivo como se estivessem a fazer obra sua em qualquer teatro.

E então se são vaidosas?!?!?

Encontra-se em Lisboa o grande piaonista Viana da Mota, que tão alto tem sabido levantar a arte musical do nosso paiz nos grandes centros da Alemanha, Inglaterra, Belgica, Austria, etc. afim de dar um concerto na noite de 3 de maio no teatro Republica.

Está quasi elaborado o projeto de lei respeitante á Ordem dos Advogados. Orzemos ser um trabalho bem ponderado e de merecimento.

Vimos nesta cidade o sr. dr. Ernesto Cardoso, delegado do procurador da Republica em Oitão.

A bahia de Lourenço Marques é conhecida por este nome desde 1544, por ser assim chamado o seu descobridor.

Partiu para Lisboa, com destino á marinha colonial, o sr. Manuel Antonio Pereira, 1.º condutor de maquinas.

Em Santarem proseguem as diligencias para averiguar quem arrombou a igreja da Romeira. Sempre é bom saber quem realisou o milagre, se os santos, se os feiões!

Estão já organizados os jurys que hão de presidir ás diversas provas do concurso hipico internacional de Lisboa.

Foi a Lisboa o nosso amigo José Maria Paulo Fernandes.

Os estudantes tambem se manifestaram em Hespanha a favor de Afonso XIII. O contrario do que teria acontecido, se tivesse acontecido... o contrario. São sempre assim as generosas opiniões dos estudantes hespanhoes. Se eles sabem o catecismo de cor e salteado!

Partiu para Portimão a esposa do sr. Gonçalliano Cunhamo.

No dia 20 foram de Lisboa a Mafra, em passeio, 30 automoveis.

Reinou muita alegria... depois do jantar, que foi profusa e belamente servido, cumido e bebido.

Partiu para Lisboa o sr. João de Sousa Uva, de S. Braz de Alportel.

Em Braga, uma quadrilha de gatunos resolver arrotar os bens duma igreja qualquer, fazendo o respectivo deposito... numa casa de penhores!

Na União Cristã da Mocidade houve um orador que afirmou, desafiando que o desmentissem, não poder realizar uma segunda conferencia se não tivesse realizado a primeira. Dão-se quinzeentos reis a quem demonstrar o contrario.

DIA HISTORICO

24.—1522—São descobertos Padilla, Bravo e Maldonado, os imperaes comarques de Castela.—1563—Colocação da primeira pedra do Realal.—1617—Morre assassinado por ordem de Luiz XIII o intrucido de Ancre, avoaluturo italiano e valido de rainha mãe, Maria de Médicis.—1811—Federação dos Brótons para defesa do territorio.

25.—1385—Os portuguezes vencem os castelhanos em Trancoso.—1806—Nasce o duque de Brunswick.—1820—Morre Yelov.—1830—O senado aclama D. Miguel; rei absoluto.—1903—Morre em Lisboa o grande socialista Ernesto da Silva.—1910—As provincias do Minho Douro e Traz-os-Montes são abolidas por promozes de Larr.—1912—Em Pontevedra são apreendidas, graças aos esforços dos republicanos hespanhoes, 600 annas pariancantes aos conspiradores portuguezes.

26.—1511—Fernão de Muelhães, o primeiro navegante que fez a viagem da circumnavegação e descobriu o Estreito de que deu o seu nome, é morto pelas selvagens de ilha de Malau.—1811—Luiz XVIII desbarba em França.—1821—D. Inéo embarca no Rio de Janeiro com destino a Lisboa.—1910—Morre em Paris o conhecido escritor noruegues Bjoornsen.—1898—O Parlamento dos Estados Unidos declara guerra á Hespanha.—1903—Inauguração da estalua de Garibaldi, em San Remo.

27.—1811—Luiz XVIII desbarba em França.—1821—D. Inéo embarca no Rio de Janeiro com destino a Lisboa.—1910—Morre em Paris o conhecido escritor noruegues Bjoornsen.—1898—O Parlamento dos Estados Unidos declara guerra á Hespanha.—1903—Inauguração da estalua de Garibaldi, em San Remo.

CARTEIRA

Fazem anos

Amanha, 27—D. Eva Morales. D. Leonor Vieira de Melo, O. Narciza de Sousa Pinto, D. Maria da Cruz Pacheco Tavaras, José Filipe da Costa, João Celestino Balsa e a menina Leopoldina da Faria.

Segunda, 28—Clotilde Azevedo Piebu, D. Maria Amalia da Costa Carneiro, D. Maria Victoria Teles, D. Josefa da Silva Pacheco, Antonio Carlos Bebeiro, Alfredo Dias Rodrigues e Manuel Costa.

Tercera, 29—D. Alice Pimenta de Castro, D. Gormina Correa Neves Braz, D. Maria Celeste Viana, Eduardo da Silva Santos, João Balsa Gomes e Francisco Claro da Silva.

Quarta, 30—Raquel Levi Moreira, D. Berta Corle Real Mooiz, D. Isaura de Sousa Mota, D. Francisco Adalio Fernandes, João José Silvestre Pereira, Abel dos Santos Calado e Diniz Augusto Araujo.

Doentes:

Continua doente o nosso amigo sr. Jacinto Guilherme da Silva, digno chefe da officina litographica do Algarve.

Necrologia:

Faleceu em Loulé o sr. Pablo Garcia Delgado, de 62 anos de idade e acreditado commerciante naquella villa.

Faleceu em Lisboa o sr. Manuel dos Santos Fonseca, abastado proprietario, natural desta cidade.

Era irmão do coronel sr. Antonio dos Santos Fonseca e da sr.ª O. Muelde da Fonseca Mandes e primo do sr. Aurelio Romero, industrial.

Contava 64 anos de idade, era solteiro e muito considerado pelas nobres qualidades de carater que o distinguiam.

A familia enlutada os nossos pezames.

Depois duma terrivel doença, que o fez por muito tempo guardar o leito, faleceu ante-hontem pelas 23 horas, nesta cidade, o general de brigada sr. Leote Carasco, pai do nosso amigo sr. dr. Henrique Leote Cavaco, advogado e notario em Tavira.

Os nossos sentidos pezames á ilustre familia do extinto.

TÃO BOA PARA ADULTOS COMO PARA CRIANÇAS. Em todas as épocas da vida a Emulsão de Scott é um manancial de saúde e de força. Assim adultos e crianças tornam-se fortes tomando a Emulsão de SCOTT, que é o remédio experimentado para a DEBILIDADE. linfatismo, escrofula, anemia, pobreza de sangue, assim como para incomodos da garganta e do peito. OFERTA DE TESTEMUNHO. "Permitam-me expressar a V. Sas a minha satisfação com o exito que obtive com a Emulsão de Scott. Era doente, e a minha doença era proveniente duma forte anemia que sofria, e da qual estou completamente restabelecido, devido á vossa Emulsão de SCOTT. Por isso venho manifestar-lhes a minha boa vontade, para confirmar esta declaração a qualquer pessoa que para isso me escreva." (a) Antonio Moraes Aáda, rua da Senra, 49, Vila do Conde, 16 de Junho de 1911. Emulsão de SCOTT. Cada pacote de Emulsão de Scott traz o peixeiro, marca da fabrica. Sem esta, não é genuino. Todas as Pharmacias e Drograrias vendem a Emulsão de SCOTT. Depositários: JAMES CASSELL & Co., Secção, Porto. VICENTE FIMENTEL & QUINZANS, Lisboa. Representante: A. Y. SMART, Rua da Fabrica 27, Porto.

CANDIDO DE SOUSA. Formado pela Escola de Lisboa e tem os cursos especiaes de Higiene, Oftalmologia e Radiologia. CLINICA GERAL, OPERAÇÕES. Especialidades: Doenças dos olhos, boca e dentes. Dentes artificiaes. CONSULTAS TODOS OS DIAS, EXCETO AOS DOMINGOS. RUA DE SANTO ANTONIO, 6. FARO.

